

OBJETO ABJETO AMBULANTE: MANIFESTO POÉTICO EM DANÇA

Corpos Falantes ²⁸⁸

Objeto/ Abjeto ambulante²⁸⁹

Durante o processo de criação e circulação do espetáculo Objeto/ Abjeto Ambulante produzido pelo coletivo Corpos Falantes e dirigido por Carlos Veloso ²⁹⁰na região da Zona Leste de São Paulo, alguns integrantes/ Intérpretes do grupo escreveram textos poéticos sobre a obra, mostrando suas compreensões particulares sobre as questões políticas e sociais discutidas na composição.

Texto 1

“Era dura, numa muito escura viatura

²⁸⁸ *Corpos Falantes* é um coletivo de dança contemporânea/jazz criado no ano de 2017, idealizado por um grupo de jovens bailarinos da cidade de São Paulo que buscam disseminar a dança como uma forma de comunicação e expressão. O grupo incentiva e valoriza a apreciação da cultura e a compreensão da dança como linguagem artística.

²⁸⁹ A composição coreográfica intitulada *Objeto/abjeto ambulante* trata-se de uma pesquisa coreográfica fomentada pelo Edital de Valorização de Iniciativas Culturais, que aborda a questão dos trabalhadores/operários brasileiros da década de 1970, suas lutas diárias por melhores condições, suas rotinas intensas e abusivas e a suas relações sociais/ familiares perante as dificuldades financeiras que surgiam no período efervescente que foi o regime militar brasileiro. Para além disso a obra busca relacionar a história destes trabalhadores/operários dos anos de chumbo com a classe trabalhadora atual, o que permanece, o que muda.

²⁹⁰ O presente projeto cultural, surgiu após o diretor Carlos Veloso elaborar uma pesquisa sobre a participação política militante da classe trabalhadora operária durante o regime militar brasileiro. Neste estudo, verificou-se que mesmo estes trabalhadores ocupando papel fundamental em manifestos e atos políticos por condições trabalhistas melhores, estes ainda eram vistos e tratados como objetos ou abjetos da sociedade, eles não eram respeitados como cidadãos com direitos básicos. Outra questão central que motivou o desenvolvimento deste projeto cultural, é que com ele tornou-se possível realizar uma discussão comparativa entre a classe trabalhadora do tempo presente, e a história destes trabalhadores do passado. O que será que mudou? O que permanece intangível? Estes foram questionamentos que nortearam o processo criativo da obra.

Minha nossa são criatura!

Chame, chame o Ladrão!"

Chame, chame.

Clame! Na atemporalidade dos atos: fatos. E falas agressoras da história, fictícias preocupações mal construídas, malconservadas e agora em decomposição na memória de quem não viveu, não sofreu, não lutou, não falou. Ah a dura, ontem sobre o manto verde e amarelo da resistência, hoje sob o manto sujo da resiliência alheia, que fácil seria esquecê-la, que injusto seria revivê-la.

"Quem lê tanta notícia"?

Na atemporalidade dos livros: tiros; a que mais mata, a que mais morre, resquícios. Silenciosa presença nas perdas das nossas cores, amores... vãos, "somos todos iguais braços dados ou não."

Na atemporalidade das news: passado

"Amanhã há de ser outro dia"; outro dia mesmo outubro.

"Quem lê tanta notícia"?

Na atemporalidade do medo pedimos licença; que teremos nós, Abjetos a fineza de a tristeza desinventar, porque de você isso não dá pra esperar, na atemporalidade dessas histórias não há mais vida a perder, há tempo a viver e há tempo a lutar

Andressa Passos

Texto 2

Corpos abjetos nasceu da vontade suprimida de gritar. De gritar para uma sociedade doente - de ódio e intolerância - as injustiças de um passado não muito distante, diria até mesmo presente. Na busca de tratar das memórias e dos sentimentos tão delicados e tão brutos que nos foram calcados por um período, na pele, no suor, em nossos corpos, dançamos a

dor. A dor que foi diminuída pelo poder do tempo, que foi calada pelas vozes que nos diziam que estava tudo bem, e que seria melhor assim. Essa obra reúne não só memórias, mas personagens, talvez fictícios, que atravessam uma linha tênue entre passado e futuro, em busca de nos lembrar quem somos e do que de fato não podemos nos esquecer.

Giovana Baraldi.

Texto 3

Objeto abjeto ambulante é uma sociedade escondida pela ditadura, pisoteada, tentada a ser silenciada e abafada em meio ao caos que foi instalado e atingiu uma massa até hoje incontável. Porém essa é a visão do dominante... vista de baixo para cima. Cada parte dessa sociedade que lutou, cada objeto desprezado tinha o seu poder, desde o estudante militante, a mãe grávida, o filho torturado, o jornalista assassinado, a mulher desesperada pelo desaparecimento de seus queridos, cada parte disso foi importante para a luta, para a marca que foi esse período, se não fosse cada parte dessa resistência talvez nada tivesse mudado e sim piorado. Para mim é sobre isso que o espetáculo se trata, o quanto as pessoas juntas, unidas pelo amor, pela busca pelo maior podem se fortalecer. Mesmo alguns se perdendo pelo caminho, são eles que nos trazem força para continuarmos lutando, são eles que nos fazem permanecer presentes, insistentes, conscientes, eloquentes. E isso vale para o atemporal, para o que foi e para o que está por vir, o que tenho mais medo.

Daniela Corrêa.

Texto 4

Em meio a muitas histórias, boas e ruins, de conquistas e de perdas, muita tristeza e muita felicidade, muita vida e muita morte, muito amor e muita

dor, conta-se o que já foi passado, e indiretamente ou diretamente o que ainda é passado, um passado presente. Como pode ter sido ter uma opinião diferente na década de 1960? A história de Amélia e Helena é uma destas muitas histórias que são mais comuns do que imaginamos, que ocorreu na década de 60 e que faz parte da construção do objeto- abjeto ambulante.

Mariana Morgado.

Texto 5

Ser viajante neste tempo relembro momentos, momentos que não voltam mais. E o pensamento vem na mente, morreu tanta inocente e seus amores voltam procurando paz. Passado que não volta mais, é um passado que ficou para trás. Passado que ainda hoje é presente, e ainda hoje tem gente que desmente, dizendo que isso é demais, que isso tanto faz. Certo tempo já passou, a história torna a repetir. Eu tenho medo de ser quem sou, e as vezes tenho que mentir. Já não estamos nos anos 70, mas o medo, ah o medo ainda nos tormenta. Eu, só te digo uma coisa, não deixe de ouvir a voz, essa voz que vem do coração, que ainda hoje permanece acesa ai, ai em ti. Essa vontade de viver, de lutar, de vencer, de acreditar que tudo há de melhorar. Essa fé que mesmo sendo repreendida, censurada, torturada, dilacerada, esfaqueada, esmagada, enojada, falsificada e amarrada, permanece viva. Aqui ninguém solta a mão de ninguém.

Eliane Veloso